

## **Fenómeno Religioso em Sofia**

Eduardo Duque\*

\* Doutor Eduardo Jorge Duque, Professor na Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga.

Para falarmos do fenómeno religioso em Sophia de Mello Breyner torna-se necessário expor o que é que se entende por **fenómeno religioso** e por **poesia**, para depois analisar, à luz destes dois conceitos, ainda que ao de leve, a obra poética de Sophia.

É disto que vamos falar em primeiro lugar, para depois nos deixarmos levar pela inexaurível beleza de Sophia.

### 1 - O ser religioso é um ser privilegiado

De que é que se fala quando falamos de fenómeno religioso?

**Fenómeno** tem um significado específico na filosofia de Immanuel Kant, que contrastou o termo 'Fenómeno' com 'Nómeno'. Fenómenos constituem o mundo como nós o experienciamos, em oposição ao mundo como ele existe, independentemente das nossas experiências (*things-in-themselves*, 'das ding an sich', *coisas-em-si*). Os humanos, segundo Kant, não podem saber *coisas-em-si*, apenas coisas que experienciam. A filosofia deve, portanto, preocupar-se em compreender o próprio processo da experiência.

O conceito de 'Fenómenos' levou a uma tradição filosófica conhecida como Fenomenologia. Algumas personalidades de destaque nesta tradição: Hegel, Husserl, Heidegger e Derrida.

De uma forma geral, além do seu uso específico como termo de Filosofia, *fenómeno* é a definição de qualquer facto observável.

**"Religioso"** implica uma ligação com o transcendente, isto é, uma ligação com o metafísico (*metà tà physikhá*). Como dizia S. Tomás de Aquino a metafísica é a ciência dos inteligíveis (*inter-ligere*).

Então, o *re-ligare*, a religião é a ligação com o que está para além da *physis*, da natureza.

É esta relação, entre o que é físico e o que é metafísico ou, de outra forma, entre o que é natural e o sobrenatural, que abre brechas a um novo "espaço". Por sua vez, este espaço medeia o abandono da mediocridade da *physis* e a entrada (que pode ser adesão ou não) num plano superior, que nos é apresentado como absoluto, verdadeiro e incondicionado.

Esta passagem, isto é, a distância que separa o natural do sobrenatural, ou

melhor, a distância que o homem sente em relação a Deus tem uma correspondência na linguagem que o ser humano, no seu próprio modo de ser, cria.

É na linguagem, portanto, no espaço elaborado dos signos, que pode ocorrer o *encontro*, esse reconhecimento mútuo entre as consciências. Assim, o ser humano acerca-se de Deus através da linguagem (do silêncio, do gesto, da palavra, etc.).

No próprio acto de se exprimir, o homem, sujeito à circunstância da qual não se pode desligar, vê-se, por conseguinte, delegado de uma tarefa particularmente delicada, a de se incorporar, por um lado, ao substrato do sensível, estando incumbido de lhe conservar a virtude da revivescência, por outro lado, ao plano superior, experimentando-lhe os seus fundamentos. Cabe à linguagem e por ela à *palavra*, portanto, o cuidado de fazer ressurgir a memória, a herança e a história profunda cujos vestígios ela conserva.

Neste contexto, o ser-se (*ontos*) religioso (isto é o estar ligado ao *Outro* = *sair de mim*) é uma via privilegiada de diálogo, ou então, o ser religioso é ser possuidor de capacidade singular de criar ruptura com a linguagem estereotipada, é ter a capacidade de pensar e de dizer o inabarcável, o inabitável, o infinito, portanto, o ser religioso está, a priori, em condições de dizer Deus.

A passagem de que falamos (o abandono de uma fase para uma outra) é dita e *sentida, por excelência*, pela **poesia**, como a única linguagem capaz de suplantar as referências da linguagem ordinária, aproximando-se das fronteiras do simbólico (*o que representa*).

(*Poiew* – virar a terra – o poeta atribui um novo sentido à palavra – vira a palavra)

A poesia cria (*parte do nada*), assim, *um novo estado*, uma nova imagem. Já não se trata de falar da imagem (*definida*), mas de *uma* imagem, passando, a construir uma linguagem alternativa (deixando, deste modo, de ser uma alternativa) para se dizer Deus, enquanto fim metafísico de toda a metafísica.

A *linguagem poética*, elaborada a partir dos símbolos, origina, assim, o *Encontro*, que pode ocorrer ou não.



Este **Encontro** manifesta-se, de um modo brilhante e luzente, em Sophia de Mello Breyner. Contudo, vamos encontrá-lo disfarçado de várias roupagens. O **religioso** em Sophia não é vulgar, não é comum, isto é, não é visível, mas está lá. Aliás, como dizia Saint Exupéry “o essencial é invisível aos olhos”.

É importante salientar, antes de entrarmos propriamente na *análise do religioso em Sophia*, que a poeta se considera **cristã**. O cristianismo é uma realidade, realmente extraordinária, de vivência da fé em Cristo. O cristão é aquele que reconhece Deus pela pessoa Cristo, que O reconhece como *criador*, que *valoriza a criação* e que vê nela o nome de Deus: um Deus comunhão, um Deus amor, um Deus perfeito, um Deus exigente, um Deus que se manifesta na criação, na natureza.

Muitos outros nomes podem configurar o rosto de Cristo, mesmo que não se pronuncie o nome pelo qual Ele é, na linguagem comum, conhecido, Deus.

O fenómeno religioso em Sophia manifesta-se, assim, na contemplação das maravilhas da natureza, como, paralelamente e tantas vezes, encontramos nos *Salmistas* que celebram e cantam o mistério da salvação.

Na sua obra é-nos apresentado um Deus que não precisa de evidenciar o seu nome, mas que se torna presente nas coisas da vida.

Depois desta brevíssima introdução, que não passou de uma definição de termos, vamos, agora, caminhar com a poesia de Sophia, respeitando-lhe o traço sobre a não necessidade de fazer opções no plano de uma teoria ou de uma estética, à qual respeitaremos integralmente a sua convicção e adequaremos as nossas leituras<sup>1</sup>.

## 2- Deus na Poesia

A poesia de Sophia vem resgatar a comunhão, o sentido da fraternidade, a união com a natureza, entendida esta como dilatação do sujeito poético e prolongamento da ambiência humana:

<sup>1</sup> ANDRESEN, Sophia, *Arte Poética II*, in *Obra Poética II*, 95. A este propósito pode ler-se MOURÃO, José Augusto (1984), *Arte Poética de Sophia*, in *Poéticas do Século XX*, Lisboa, Livros Horizonte.

*Aquele que profanou o mar  
E que traiu o arco azul do tempo  
Falou da sua vitória*

*Disse que tinha ultrapassado a lei  
Falou da sua liberdade  
Falou de si próprio como de um Messias*

**“A Anémoma dos Dias”, in *No Tempo Dividido e Mar Novo*.**

É declaradamente na natureza, espaço manifesto do Criador, que Sophia se inspira e encontra motivos de total perfeição. A natureza, e por ela o mar, é vista como uma espécie de *ordem primordial* do mundo, que só o reencontro com o divino consegue representar:

*O mar azul e branco e as luzidias  
Pedras – O arfado espaço  
Onde o que está lavado se relava  
Para o rito do espanto e do começo  
Onde sou a mim mesma devolvida  
Em sal espuma e concha regressada  
A praia inicial da minha vida.*

**“Inicial”, in *Livro Dual*, p. 109.**

*O sol no alto, fundo, enorme, aberto,  
Torno o céu de todo o deus deserto.*

**“Meio-Dia”, *Livro Poesia*, p. 17**

Esta osmose entre Sophia e a natureza (*onde sou a mim mesma devolvida em sal*) ou entre a pessoa e o meio que a envolve transparece a filosofia do *pensamento místico*. (S. João da Cruz, S.ta Teresa de Ávila). Há como que um entendimento contemplativo, religioso e, neste sentido, místico: *Onde o que está*



*lavado se relava. Parece que estamos a falar, se quiséssemos utilizar expressões doutrinárias, da Contrição, onde se olha para dentro, se reconhece e se recomeça, de novo, sempre de novo: Em sal espuma e concha regressada/ A praia inicial da minha vida.*

Em "O Minotauro", a nosso ver um dos poemas mais representativos da poesia de Sophia, pela forma em que é apresentado o sujeito lírico, há uma outra ideia em que se exterioriza e se afirma a mesma noção de *contrição*, ou melhor dito em poesia, da procura e do reconhecimento do sujeito:

*Devastada era eu própria como cidade em ruína  
Que ninguém reconstruiu  
Mas no sol dos meus pátios vazios  
A fúria reina intacta  
E penetra comigo no interior do mar  
Porque pertença à raça daqueles que mergulham de olhos abertos  
E reconhecem o abismo pedra a pedra anémoma a anémoma flor a flor  
E o mar de Creta por dentro é todo azul  
Oferenda incrível de primordial alegria  
Onde o sombrio Minotauro navega  
"O Minotauro", in Livro Dual, p. 117.*

A experiência da procura, da perda, do errante, do encontro, do recomeço é o que Sophia apelida de "dança do ser", que não é mais do que a constatação, por parte do ser humano, da sua condição de peregrino, sempre a caminho, em constante procura de si mesmo, da sua própria verdade, da verdade do real e do reencontro consigo próprio, com o seu mais íntimo.

*O Dionysos que dança comigo na vaga não se vende em nenhum  
mercado negro  
Mas cresce como flor daqueles cujo ser  
Sem cessar se busca e se perde se desune e se reúne  
E esta é a dança do ser  
"O Minotauro", in Livro Dual, p. 117.*

Esta passagem poética e vivencial equipara-se, em termos hermenêuticos e morais, a distintas passagens de S. Paulo. Isto é, àquele que se predispõe e que se expõe às profundezas do sujeito para enfrentar não o "monstro" mas "a cor azul", encontrará respostas como uma doação do reconhecimento gratuito de ser criatura.

A resposta em Sophia, na forma de companhia da "dança do ser", é dada por Dionísio, que metaforiza a força da vida: "Só o vinho bebido em frente da solenidade das coisas".

Um outro poema que explicita a vontade do pôr-se a caminho, do verdadeiro peregrino que procura a verdade, do Santo que se reconhece profundamente pecador é, a nosso ver, a poesia Ítaca. Nele encontramos simbolizado, uma vez mais, o reencontro, o renascer, a vontade clara do regresso ao acto originário, manifestamente presente em alguns dos sacramentos.

*Quando as luzes da noite se reflectirem imóveis nas águas verdes de Brindisi  
Deixarás o cais confuso onde se agitam palavras passos remos e guindastes  
A alegria estará em ti acesa como um fruto  
Irás à proa entre os negrumes da noite  
Sem nenhum vento sem nenhuma brisa só um sussurrar de búzio no silêncio  
"Ítaca", in Geografia, p. 105.*

Segundo a poeta é o reconhecimento, o amanhecer, o voltar a ser quem era, à procura da sua essência, como o regresso ao estado da graça de um pecador, que está a fazer falta a Portugal e ao povo Português:



*Poema onde está*

*A palavra extrema*

*Que une e reconhece –*

*Pois só no poema*

*Um povo amanhece*

Percebemos que o apelo constante de Sophia ao reconhecimento, à renovação e à reconstrução com sentido de liberdade têm a forma da eternidade, daquilo que sempre foi, verdadeiramente poesia. O que parece actual, moderno em Sophia é um resgate - resgate daquela linguagem que não podemos designar de antiga porque daria a impressão do que foi, e a poesia é, sempre.

Poder-se-ia dizer que, na poesia de Sophia, subsiste uma comunicação, entre o humano e a natureza, que transcende à experiência comum. A relação natureza/pessoa é, na obra de Sophia, o lugar por excelência para dizermos que transcendência e imanência coabitam nas mesmas palavras. Esta mesma realidade levou Santo Agostinho, a dizer de Deus: "*interior íntimo meo*" (mais íntimo do que o meu íntimo). Estas palavras ajudam-nos a compreender melhor as que Jesus dirigiu à Samaritana: "Deus é espírito" Somente o Espírito pode ser "mais íntimo do que o meu íntimo", quer no ser quer experiência espiritual. Só o Espírito poder ser a tal ponto imanente ao homem e ao mundo, permanecendo inviolável e imutável na sua transcendência absoluta.

Vejamos a forma como Sophia relaciona o humano com o absolutamente transcendente, mostrando-o presente e, em certo sentido, imanente.

*Entre o luar e a sombra caminhei:*

*Era ali a minha alma cada flor*

*cega, secreta e doce como estrelas*

*Quando a tocava nela me tornei.*

**"Floresta", Dia do Mar, Obra Poética I**

A natureza, nesta estrofe, é vista como uma emissária de símbolos, como um remanso da alma (*Era ali a minha alma cada flor*), para logo, de seguida, restituir a sua consciência à natureza (*Quando a tocava nela me tornei*). Há como que um reconhecimento de si próprio na natureza, o que, na linguagem de algumas filosofias espiritualistas, se traduz na capacidade que o Homem tem em conhecer o universo através de si mesmo, porque é nele que está contida toda a natureza:

*Entre o terror e noite caminhei*

*Não em redor das coisas mas subindo*

*Através do calor de suas veias*

*Não em redor das coisas mas morrendo*

*Transfigurada em tudo quanto amei.*

**"Floresta", Dia do Mar, Obra Poética I .**

A *alma* é o âmago da Vida. Todos a querem salvar, independentemente do nome que se lhe atribui. É nela que está impresso, segundo a doutrina cristã, o sinal espiritual ou carácter indelével dado pelo Sacramento do Baptismo. Também a Confirmação imprime na *alma* uma marca espiritual indelével, o "carácter", que é o sinal de que Jesus Cristo assinalou um cristão com o selo de seu Espírito, revestindo-o da força do alto para ser sua testemunha<sup>2</sup>.

Sophia está consciente desta doutrina, a não ser mais na generalidade, e por isso escreve, cultiva a arte da poesia.

*A poesia é das raras actividades humanas que, no tempo actual, tentam salvar uma certa espiritualidade. A poesia não é uma espécie de religião, mas não há poeta, crente ou descrente, que não escreva para a **salvação de sua alma** – quer a essa alma se chame amor, liberdade, dignidade ou beleza<sup>3</sup>.*

Sophia tenta manter, pela palavra, a salvação da sua alma. Não só a sua mas também a de outros. Daí se explicar o facto de alguns dos seus poemas serem

<sup>2</sup> Cf.: C.I.C., nºs 1304 e 1317.

<sup>3</sup> JL 709, de 17/12/97



interventivos, até mesmo de resistência, no sentido de apelarem à consciência crítica. Poder-se-ia ler, por exemplo, alguns poemas do período salazarista.

Sophia de Mello Breyner dá, assim, à **palavra** um sentido novo, presente mas ausente, na aceção de que falava Paul Ricoeur de provocar e convocar o pensar.

A figuração do real (o tornar presente o ausente) e, por maior razão ainda, a figuração da transcendência, não é claramente transparente à racionalidade analítica.

Por isso, é que, a nosso ver, a expressão de tomar “o real como divino” como o apresenta Sophia no final do poema “Em Hidra”, lembrando Fernando Pessoa, é, de certo modo, o desejo, por parte do sujeito poético, de originar interpretações do real, realizando puras realidades, não sendo propriamente a realidade objectivada, presente ao agir e presente ao pensar:

*Onde tudo se torna impessoal e livre*

*Onde tudo é divino como convém ao real.*

**“Em Hydra, Evocando Fernando Pessoa”, in Dual, p. 116.**

Em Sophia é clara a aliança entre o divino e o humano. Na sua poesia, o *homo sapiens*, coabita com o *homo symbolicus*, o qual coincide com o *homo religiosus*, manifesto na união entre o espaço sagrado de “impureza” e o profano. Vejamos:

*Aqui nesta praia onde*

*Não há nenhum vestígio de impureza,*

*Aqui onde há somente*

*Ondas tombando ininterruptamente,*

*Puro espaço e lúcida unidade,*

*Aqui o tempo apaixonadamente*

*Encontra a própria liberdade.*

**“Liberdade”, in Mar Novo, p. 65.**

A figuração da unidade - entre o sagrado e o profano, ou entre o eu do sujeito poético e o mundo -, apresenta-se, em Sophia, no próprio ser humano corpóreo, como que este tome as formas da natureza e da vida:

*Se todo o ser ao vento abandonamos*

*E sem medo nem dó nos destruímos,*

*Se morremos em tudo o que sentimos*

*E podemos cantar, é porque estamos*

*Nus, em sangue, embalando a própria dor*

*Em frente às madrugadas do amor.*

*Quando a manhã brilhar refluiremos*

*E a minha alma beberá esse esplendor*

*Prometido nas formas que perdemos.*

**“Se todo o Ser”, Poesia I, Obra Poética I.**

O sagrado em Sophia, como temos visto, tem uma grande profundidade e extensão. Há, na sua poesia, como que a persistência do sagrado, ainda que, muitas vezes, seja uma presença camuflada.

Os constantes apelos ao mundo do sagrado, na poesia de Sophia, manifestam que o ser humano não deixa de ser religioso, no mais fundo do seu ser. No dizer de M. Eliade, “o sagrado é um elemento da estrutura última da consciência do homem, não um momento da história da consciência”<sup>4</sup>. Por esta razão, a religião nunca morre nem desaparece. Daí que, a nosso ver, a forma como Sophia envolve o sagrado no mundo e na natureza só pode ser interpretado como uma máscara ou camuflagem do religioso, que adopta inclusive a linguagem e, por ela, as palavras do universo cristão:

<sup>4</sup> Cf.: M. ELIADE, *Diário 1945-1969*, 349. IDEM, *Lo Sagrado y lo Profano*, Guadarrama, Madrid, 1967, 14.



O mar ergue o seu radioso sorrir de estátua arcaica

Toda a luz se azula.

Reconhecemos nossa inata alegria:

A evidência do lugar sagrado.

**"Promontório".**

Pois é preciso saber que a palavra

[é sagrada

Que de longe muito longe um povo

[a trouxe

E nela pôs sua alma confiada

Esta forma de inserir o divino no humano é afim à lei cristã da encarnação. No fundo do verdadeiramente humano jaz o divino. Jesus apresentou-nos o divino submergido no profano.

Também no poema "Delphica" há como que a decepção pelo facto do sagrado e da divindade se terem afastado, o que manifesta a importância dos mesmos. Mas como vimos o religioso não desaparece. Assistimos, em Sophia, é a novas configurações ou recriações do religioso, na medida em que se manifesta o sagrado "primitivo", quer dizer, a experiência do sagrado natural, a vivência da pertença a um "cosmos", onde habita o divino.

Quiçá, por esta via, alcançamos algo do que aponta M. Eliade de que no fundo de toda a religiosidade late um resto de religião cosmológica, de comunhão com a matéria, o cosmos, o todo:

Desde a orla do mar

Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim

Desde a orla do mar

Onde vi na areia as pegadas triangulares das gaivotas

Enquanto o céu cego de luz bebia o ângulo do seu voo

Onde amei com êxtase a cor o peso e a forma necessária das conchas

Onde vi desabar ininterruptamente a arquitectura das ondas

E nadei de olhos abertos na transparência das águas

Para reconhecer a anêmona a rocha o búzio a medusa

Para fundar no sal e na pedra o eixo recto

Da construção do possível

**"Delphica IV", in Dual, p. 107.**

Sem dúvida que a poesia de Sophia nos incentiva a olhar para descobrir a imagem escondida, o fundo inatingível, a riqueza oculta do interior das coisas, da realidade toda, a evocação do ausente.

Mostrai-me as anêmonas, as medusas e os corais

Do fundo do mar.

Eu nasci há um instante.

**Antologia Mar-Poesia, Mostrai-me as anêmonas.**

Ensina-nos, assim, a fazer exercícios de visão: "olhar como pela primeira vez", a renascer (imagem do Baptismo), a possuímos uma visão adâmica, como quem acorda na manhã do mundo. "Filosofia da manhã" chamou-lhe F. Nietzsche, captando a pobreza simbólica dos homens do seu tempo. Supõe um "abandono" (Gelassenheit), como falou Heidegger da racionalidade que tudo pretende mediar e funcionalizar.

Se conseguíssemos olhar e ver o fundo das coisas, com os "olhos abertos", como diz Sophia, estaríamos a entrar no verdadeiro Mistério, para tornar possível a "construção do possível" (*Delphica VII, in Dual*).

No fundo o que a natureza e a vida, na obra de Sophia, transparecem é o Mistério que as sustenta e alimenta. Estamos, assim, diante do divino presente, realmente encarnado, em todas as coisas do mundo, a evocar o totalmente distinto.



De novo cresce o poder do monstruoso  
 De novo cresce o poder do "Apodrecido"  
 De novo o corpo de Python é reunido  
 Nenhum deus respira no respirar das coisas  
 As máquinas crescem e Python emerge  
 Sob o húmido interior da terra movem-se devagar os seus anéis  
 Ventos da Ásia em sua boca trazem  
 O estridente clamor da fúria tantra  
 Tudo vai rolar na violência do instante  
 Nenhuma coisa é construída em pedra  
**"Delphica VII", in Dual.**

Um dos eixos centrais onde se encontram marcas do fenómeno religioso em Sophia é a forma como a autora descreve a **esperança, a espera**. Sophia escreveu Espero (p.), Espera (p.31), Espera-me (p.48), Praia (p.45), Poema inspirado nos painéis de Júlio de Resende (p.), Cais (p.74) e Lusitânia (p.76), os quais manifestam uma forte vontade de renovação. O cristão espera vivamente que o Senhor venha. Venha repor a justiça, o amor e vida. Só, assim, é possível "ter vida e tê-la em abundância". Daí se encontrar, nos poemas referenciados, uma grande esperança, como quem aguarda que a História da humanidade e particular Ihe reserve uma fortuna:

E há em todas as coisas o agoiro  
 De uma fantástica vinda.  
**"Espero".**

A temática da **morte**, em Sophia, também não exceptua marcas do religioso. Pelo contrário, encontramos nela, mais concretamente, no poema da Senhora da Rocha (p. 41), uma forte ligação à religião cristã.

O reino dos antigos deuses não resgatou a morte  
 E buscamos um deus que vença connosco a nossa morte  
 É por isso que tu estás em prece até ao fim do mundo  
 Pois sabes que nós caminhamos nos cadafalsos do tempo  
**"Senhora da Rocha", in Geografia, p. 92.**

Que forma interessante, profunda e curiosa encontrou Sophia para dizer que os deuses pagãos não venceram a lei da morte e, por isso mesmo, a poeta *busca* e procura, em forma de prece, um Deus Cristão para eternizar a vida.

O *Homo religiosus*, representado no Deus que vence com os homens a morte (encarnação), surge, neste poema, como orientação última, na medida em que apresenta e representa o penhor e a salvação da humanidade.

A morte representa o fim da identidade e do sentido e, por isso, o sujeito poético procura, num grito angustiado, quando abandonado pelos deuses, um novo sentido, alguém que destrua a morte. Abandona-se e entrega-se, por fim, consciente de "*caminhar nos cadafalsos do tempo*", em quem encontra segurança e se regozija porque Ele "*está em prece até ao fim do mundo*".

Também o poema *Navio Naufragado* (p. 35) exprime esta mesma ideia, amenizando a morte com a ideia da "leveza das sereias", numa expressão que converte o medo e a morte em beleza.

A doutrina cristã, neste poema, está bem presente, na medida em que sendo natural o medo da morte, é de atitude cristã a manifestação da esperança que não morre:

A minha esperança mora  
 No vento e nas cereias  
 É o azul fantástico da aurora  
 E o lírio das areias.

**"Navio Naufragado", in Dia do Mar, p. 35.**



Interessante realçar que quando Sophia morreu, Maria Barroso, partilhando a homilia com Frei Bento Domingues, escolheu, para se despedir da poeta, um poema que leu, intitulado "Carta aos Amigos Mortos". Nele lê-se:

*A lucidez me serve para ver  
A cidade a cair muro por muro  
E as faces a morrerem uma a uma  
E a morte que me corta ela me ensina  
Que o sinal do homem não é uma coluna.  
E eu vos peço por este amor cortado  
Que vos lembreis de mim lá onde o amor  
Já não pode morrer nem ser quebrado.*

**"Carta aos Amigos Mortos", 5ª e 6ª Estrofe.**

Associada à morte está, na doutrina cristã, a **Ressurreição**, também ela bem explícita em alguns poemas de Sophia, notavelmente no poema *Ressurgiremos* (p.22), onde se interligam as ideias de esperança e de ressurreição; e na última parte do poema *Ítaca*, onde se encontra a viagem interior da poeta:

Do poema *Ressurgiremos* (Livro Sexto):

*Ressurgiremos ali onde as palavras  
São o nome das coisas  
E onde são claros e vivos os contornos  
Na aguda luz de Creta  
Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo  
São o reino do homem  
"Ressurgiremos"*

Da última parte do poema *Ítaca*:

*O sol rente ao mar te acordará no intenso azul  
Subirás devagar como os ressuscitados  
Terás recuperado o teu selo, a tua sabedoria inicial  
Emergirás confirmada e reunida  
Espantada e jovem com as estátuas arcaicas  
Com os gestos enrolados ainda nas dobras do teu manto  
Ítaca, in *Geografia*, p. 105.*

De facto, a nosso ver, Sophia é feliz e profundamente religiosa na expressão que metaforiza a morte como: "o instante em que se quebra a aliança do homem com as coisas" (p. 41).

Uma vez mais acontece, na obra poética de Sophia, o abandono das coisas para se refugiar no divino. É aqui, a nosso ver, que se explica o enquadramento da dimensão religiosa, "como uma dimensão última ou fundamentante, ou seja, como horizonte para todas as actividades humanas dotadas de sentido"<sup>5</sup>.

O fenómeno religioso situa-se, assim, não ao lado de outras realidades da existência de Sophia, mas precisamente no âmago de toda a sua vida, enquanto orientação global de sentido para tudo o que existe e com o qual se relaciona.

#### **Em género de conclusão:**

A linguagem poética em Sophia, presença da ausência, é originária e irreduzível na sua indeterminação. Por isso, ela cria e reinventa o sentido como uma espécie de itinerância, um novo pôr-se a caminho.

O poema nasce e cresce, numa insurreição vital, como uma espécie de relâmpago entre dois pólos: a linguagem e o silêncio.

5 D. TRACY, *Blessed Rage for Order*, Chicago, 1996, 55.



*Casa branca em frente ao mar enorme,  
Com o teu jardim de areia e flores marinhas  
E o teu silêncio intacto em quem dorme  
O milagre das coisas que eram minhas.*

**Casa Branca, in Poesia, p. 20.**

É neste momento fugidio que se converte, pelo silêncio, a palavra numa palavra poética. Lembramos, a este propósito, o que dizia Eduardo Lourenço: "Deus é uma não imagem, um silêncio".

Esta passagem -*conversão*- manifesta, em verdade, a comunicação essencial com a plenitude da beleza ou o absoluto, quase indizível e, por isso mesmo, é um Mistério Real, que se diz numa linguagem que tende a preservar esse momento e a dar-lhe a continuidade através das vicissitudes da operação poética:

*Mar sonoro, mar sem fundo mar sem fim.  
A tua beleza aumenta quando estamos sós.  
E tão fundo intimamente a tua voz  
Segue o mais secreto bailar do meu sonho  
Que momentos há em que eu suponho  
Seres um milagre criado só para mim.*

**Mar Sonoro, in Dia do Mar, p. 30.**

Por isso, a poesia é o espaço preferencial para dizer Deus: um poema diz, não significa. Compreender o que diz não é exactamente decifrar, é participar dessa realidade-outra, é comungar. O discurso poético suspende, deste modo, a referência da linguagem ordinária de modo a ambigüizá-la, a aproximá-la das fronteiras do simbólico. O que implica o abandono da *metáfora limitada* para dar lugar – vivificar - a *metáfora viva*, como uma forma literária com valor poético eficaz e próprio.

*Vem do mar azul o marinheiro  
Vem tranquilo ritmado inteiro  
Perfeito como um deus,  
Alheio às ruas.*

**Marinheiro Real, in Mar Novo, p. 71.**

A metáfora, não sendo um mero recurso face à pobreza do pensamento, é uma expressão do pensar (do dizer) a vida. Por isso, ela estabelece com os destinatários uma convivência que os não deixa indiferentes, incitando-os a passar da forma afectiva à representação real de um ideal, à vivência de um estado performativo, num nível de linguagem testemunhal e vital. Daí que Sophia apresente, na sua poesia, a visão do real como divino.

A metáfora leva-nos a reencontrar o sentido da linguagem poética e religiosa, sentido este que diz (simboliza) atitudes libertadoras que, de outro modo, não moviam o coração (*metanoia*). Elas dizem o outro modo de ser, de habitar e de dizer o que é possível de ser dito na linguagem humana.

O possível, de que falamos, sobrepõe-se, pela linguagem poética, ao *paradigma dominante*.

Deste modo, é preciso que o *velho paradigma (dominante)* morra e com ele a sua circunstância, para que a linguagem - tentativa de dizer o que é indizível -, e por ela a poesia, renunciando a seu papel tradicional de idealização, reencontre e redescubra a sua vocação nativa, a de fazer surgir um *sentido* (Deus). Neste jogo (de fazer surgir o *sentido*), a poeta não experimenta a linguagem à maneira de um linguista; ela atravessa-a, rasga-a, inflama-a, exorta-a. Por isso, o poeta é aquele que se recusa à diáspora do sensível, daí o facto de ser, muitas vezes, um ser sem lugar, um errante, um exilado.

Terminamos esta breve exposição, conscientes de que ficou muito por dizer, retomando a ideia inicial: o fenómeno religioso em Sophia de Mello Breyner é essencialmente uma elaboração de sentido global, para toda a realidade, enquanto salvação dessa mesma realidade.